

REFLEXÕES INICIAIS SOBRE LETRAMENTO

Jéssica Caroline Soares Coelho¹
Elson M. da Silva²

¹ Graduanda em Pedagogia pela UEG- Campus Anápolis de CSEH

² Doutor em Educação e docente da UEG

Introdução

O objetivo deste trabalho é apresentar reflexões teórico-metodológicas em relação ao fenômeno letramento e suas implicações no contexto escolar. O presente texto é parte de uma investigação monográfica de cunho qualitativo que está em fase de desenvolvimento e que investiga se as professoras que ministram aulas em turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental organizam seus trabalhos pedagógicos na perspectiva do letramento. Esperamos que as discussões apresentadas neste texto contribuam para ampliação das discussões acerca do letramento.

Letramento: conceitos e características

A palavra letramento ainda causa estranheza em nosso meio, pois estamos acostumados com palavras como, por exemplo, alfabetizado, que significa aquele que sabe ler e escrever, segundo o Dicionário Aurélio. Já a palavra letrada ou letramento não consta nesse dicionário. Ela só foi encontrada em um dicionário de língua portuguesa que tem mais de um século de existência, o Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa de Caldas Aulete, no qual letramento aparece com o significado de escrita, derivado do verbo letrar.

Para Soares (1998), a denominação letramento é uma versão em português da palavra inglesa literacy, dicionarizada nos Estados Unidos, tendo como sentido uma pessoa que é capaz de ler e escrever. Assim, a autora parece partir da ideia de que a alfabetização é um pré-requisito para o letramento, isto é, a condição para ser letrado.

Segundo Soares (1998), o conceito de letramento é bastante discutido entre os estudiosos do assunto, e por vários autores. Para essa autora, o letramento é o resultado da ação de ensinar a ler e escrever, é o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita.

O letramento tem início quando a criança começa a conviver com as diferentes manifestações da escrita na sociedade e se amplia cotidianamente por toda vida, com a participação nas práticas sociais que envolvem a língua escrita. Envolve as mais diversas

práticas na sociedade e pode englobar até mesmo uma apropriação mínima da escrita, tal como o indivíduo que é analfabeto, mas letrado na medida em que identifica o valor do dinheiro e o ônibus no qual deve embarcar, porém não escreve cartas, e nem lê.

Mas o indivíduo pode sim ler, como apresenta Freire (1981), que entendia a alfabetização como formação de consciência política e de leitura de mundo que dava sentido para a vida do indivíduo, pensando na leitura de mundo que as pessoas têm para que essa leitura fosse uma leitura na vida. Entretanto, é importante ressaltar que, para Freire (1981), o conceito de alfabetização implica questionar a realidade socioeconômica com possibilidade de transformação das estruturas de poder.

Segundo Soares (1998), o letramento tem um sentido ampliado da alfabetização, pois consiste em práticas sociais de leitura e escrita que vão além da alfabetização funcional, em que indivíduos são alfabetizados, mas não sabem fazer uso da leitura e da escrita. Muitos não têm habilidade sequer para preencher um requerimento.

O processo de alfabetização pode acontecer por meio de outros suportes, como jornais e revistas, não ficando restrito apenas ao livro didático, para que as habilidades de leitura e escrita aconteçam dentro de situações reais de comunicação, sem falar na riqueza de imagens e diversidade de gêneros textuais que esses suportes apresentam, o que poderia contribuir com a visão crítica e cidadã dos envolvidos no processo de aprendizagem.

Sendo assim, o letramento é um conceito criado para referir-se aos usos sociais da língua escrita e oral não somente na escola, mas em todo lugar. Assim, é realizado em vários lugares, sendo comum em diversas situações do cotidiano e auxiliando na leitura no ponto de ônibus, na igreja, nas fachadas de lojas, nas propagandas, entre outros.

É possível afirmar que o letramento não está restrito somente à escola, mas está presente em diversas situações do dia a dia, pois por mais simples que essas situações sejam, elas são eventos de letramento que ocorrem de forma espontânea.

Para Kleimam (1995), os estudos sobre letramento acompanharam a expansão dos usos da escrita desde o século XVI, no momento em que a escrita passou a ser exigida nas sociedades industrializadas transformando as relações entre o meio e os indivíduos situados nele. Os desenvolvimentos sociais da época, como por exemplo, a emergência do Estado como unidade política, mudanças socioeconômicas, emergência da educação formal, entre

outros, foram marcos históricos que deram importância para a escrita na sociedade, aumentando assim os estudos sobre o letramento.

Segundo Kleiman (1995), a questão da alfabetização que antes era tratada como uma prática específica da escola que definia e classificava os sujeitos, fornecendo parâmetros de prática social, era definida como letramento. A alfabetização passa então a ser apenas um tipo de prática que desenvolve algumas habilidades e que determina uma forma de usar o conhecimento sobre a escrita.

Já o letramento tem uma função muito mais ampla, pois esse fenômeno parte do social, não tendo uma prática que desenvolve só as habilidades, mas os usos sociais de leitura e escrita. Estes dois fenômenos, letramento e alfabetização, estão ligados entre si, mas cada um deles tem sua especificidade.

Na perspectiva de Kleiman (1995), não é importante se um texto é mais ou menos abstrato ou se é científico ou não, o mais importante é que tudo é linguagem e faz parte de um diálogo. Segundo ela, não são as diferenças que contam, mas sim as semelhanças, partir do conhecido para construir o novo de forma mais significativa. Ela argumenta ainda que para o ensino da escrita é mais importante focar na semelhança, e a linguagem da criança fora da escola não pode ser interrompida, se ela conhece o oral, então é daí que devemos partir nas conversas com elas.

Neste contexto, segundo Kleiman (1995), o modelo que predomina nas práticas de letramento na escola é o modelo autônomo, no qual se considera a aquisição da escrita como um processo neutro, que deve promover atividades necessárias para o desenvolvimento do aluno, com o objetivo de que ele tenha capacidade de interpretar e escrever textos expositivos e argumentativos.

Se contrapondo a este modelo temos o modelo ideológico, que tem como base o social no letramento, e considera a leitura e a escrita como práticas sociais. Desse modo, em contrapartida ao modelo autônomo, o modelo ideológico oferece uma visão menos preconceituosa e mais crítica em relação à relevância dos fatores culturais.

Para Soares (1998), o letramento pode ser compreendido por meio de duas dimensões, a individual e a social. Segundo a autora, a dimensão individual do letramento parte da ideia de que ele é um modo pessoal de ler e escrever, e de que um indivíduo para ser considerado letrado precisa ter adquirido a habilidade de ler e escrever. Já na dimensão social do

letramento, contrária à dimensão individual, acredita-se que a introdução da escrita na sociedade pode trazer consequências, transformações políticas, sociais, econômicas e linguísticas aos grupos sociais, não se trata apenas de algo individual mais.

De acordo com Kleiman (1998), letramento são as práticas e eventos relacionados com o uso, a função e o impacto social da escrita. Ou seja, todos eles remetem ao mesmo sentido, o convívio, o hábito de ler e escrever dentro de um contexto social em que a apropriação das técnicas de leitura e escrita ganham sentido na vida de um indivíduo.

Soares (2012) conceitua o termo letramento dizendo que um indivíduo pode não saber ler e escrever, não ser alfabetizado, mas no meio em que ele vive existe sempre a leitura e escrita em suas práticas sociais. Por exemplo, uma criança que ainda não sabe ler nem escrever, mas tem contato com livros e ouve histórias é considerada letrada. Por isso a importância de processos de ensino e aprendizagem educativos da leitura e da escrita para adultos e crianças deixando claras suas relações e diferenças.

Tfouni (1995) procura explicitar a concepção particular que tem de letramento. Para essa autora, os estudos sobre letramento não devem examinar somente as pessoas que adquiriram as habilidades de ler e escrever, as alfabetizadas, mas também aquelas que não adquiriram essa tecnologia, sendo estas as consideradas “não alfabetizadas”. Assim, como já mencionado, o letramento e a alfabetização estão ligados entre si, mas são processos diferentes, pois a alfabetização refere-se a aprendizagem de habilidades. O letramento, por sua vez, focaliza os aspectos sociais.

Tfouni entende a escrita como produto cultural, pois ela passou por um processo de difusão em diferentes sociedades. A escrita é colocada por muitos autores como difusora de muitas ideias, mas em muitos casos ela funciona como ocultadora dessas ideias. Portanto, o letramento não é um fenômeno simples, nem tem sentido único, pois ele está relacionado com questões mentais, culturais e sociais. O letramento assim entendido se dá mediante as relações sociais.

As reflexões teóricas produzidas para esse texto nos fizeram compreender sobre a importância da escola levar em consideração em suas práticas pedagógicas o fenômeno letramento a partir de pressupostos críticos que possam ajudar o aluno no seu desenvolvimento pessoal, acadêmico e profissional.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981

KLEIMAN, Ângela. **Os significados do letramento**. Campinas - SP: Mercado das Letras, 1995.

SOARES. Magda. **Letramento**, um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

TFONI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. São Paulo: Cortez 1995.